

1o Congresso Brasileiro de Psicologia e Antroposofia- ABPA

Mesa: Como Eu Atuo Como Psicólogo Antroposófico

Adriana Venuto

A visão de mundo e de homem e a Teoria do Desenvolvimento propostas por Steiner são fundamentos de minha prática profissional como Psicóloga. Em função de minha formação em Terapia de Casal e Família adiciono ao meu trabalho a visão sistêmica das abordagens dialógicas Narrativa e Colaborativa. A visão antroposófica também é sistêmica, o que torna esta soma possível e enriquecedora.

O fundamento Antroposófico significa compreender o humano como ser dotado de corpo, alma e espírito. Facetas do ser humano que acontecem em inter-relação constante, influenciando e se constituindo mutuamente de maneira dinâmica e peculiar, a cada ser, a cada fase da vida, sempre. Tudo construído através das relações e da linguagem. Tudo é relacional e acontece via comunicação.

Ampliando as facetas do humano, observamos esta inter-relação dinâmica na correlação entre tri e quadrimembração.

Espírito - Pensar - Neuro sensorial - Verdadeiro - Ciência	Eu	Fogo	Calor
Alma - Sentir - Rítmico - Belo - Estética	Astral.	Ar	Luz
Corpo - Vontade - Metabólico - Bom - Ética	Etérico	Água	Químico
	Físico	Terra	Vida

A observação da dinâmica destes aspectos ao longo do ciclo vital traz clareza: contribui para a compreensão de questões e dilemas envolvidos no desenvolvimento e, também, auxilia no manejo terapêutico. Diante de uma história, que caminho tomar na condução terapêutica? Qual é a prioridade da demanda? O que impede e o que facilita? Quais são os recursos e capacidades para o "cuidado de si" e a construção de uma "estética da vida", segundo Foucault?

Na observação das diferentes fases da biografia percebe-se o aspecto fundante dos três primeiros setênios. Além das características inatas, ou seja, a constituição que a criança carrega, observa-se, ao longo destes 21 anos iniciais, o contexto relacional o ambiente que ela encontra, que a recebe e influi, de maneira marcante, a sua jornada. Como este contexto se organiza e como a criança e o jovem respondem a ele? Cabe notar desde o aspecto imaginário dos pais com relação ao bebê que virá até a maneira como o mesmo será carregado nos seus primeiros anos.

No primeiro setênio, carregamos o bebê na mente, no coração e no colo. Como sustentamos esta criança e acompanhamos seu desenvolvimento que acontece, primordialmente, na estruturação da corporalidade, a partir das janelas dos quatro sentidos básicos?

Encaminhamos a criança para a ampliação social dos anos escolares, no 2o setênio e tb na relação dela consigo mesma, no espaço de sua interioridade afetiva, que se abre na época do rubicão.

Mediamos os dilemas do jovem do 3o setênio, entre o céu e a terra, entre o corpo e os ideais. Além de acompanharmos o desenvolvimento da capacidade de julgar, através de seu exercício no relacionar. Aspecto desafiador na relação com o adolescente. O jovem necessita de adultos capazes de sustentar os questionamentos, os embates e as rupturas simbólicas desta fase.

Aos 21 anos a individualidade se apronta para um percurso mais autoral da educação, construindo-se no mundo e com o mundo, com seus erros e acertos, ampliando horizontes.

Carregamos nossa infância conosco, nosso ambiente, nossos pais, nossas autoridades amadas interiorizadas, nossos sonhos e ideais. O que temos em nossa bagagem para a jornada da vida adulta que se inicia? Que nutrientes existem neste solo para o germinar da semente individual? Quais os recursos, capacidades e limites com os quais devo lidar, ampliar, significar e ressignificar? O trabalho é intenso.

O ancoragem do eu no corpo, ao longo da trajetória dos três 1os setênios é essencial para a saúde e a tentativa de recuperação, transformação e ressignificação destas fases é crucial na terapêutica.

As dificuldades vividas no primeiro setênio, fase ainda primária onde é essencial e estruturante ofertar ninho, continente amoroso, segurança, ritmo, ambiente protetor e pacífico para o desenvolvimento saudável, os impactos de uma falta acontecem via sensação, na corporalidade. Muitas vezes, as dificuldades acontecem ainda na fase pré-verbal onde é difícil a simbolização. Aqui os cuidados e estímulos terapêuticos através da corporalidade são valiosos, por exemplo, através das terapias externas: massagem rítmica, enfaixamento, banhos. Faço muitos encaminhamentos com este fim, com resultados importantes. É uma tentativa de dizer para este corpo que está tudo bem, que a segurança é possível, que existe paz e relaxamento para a vida, que o mundo é Bom. Deste modo, surge a possibilidade de construção de andaimes para a recuperação do desenvolvimento.

No segundo setênio, as polaridades estão em alta como inspirar e expirar, a sístole e a diástole, o dentro e o fora, eu e o outro e, também, a vivência profunda de espaço dentro, em mim, que acontece no âmbito do sentir. Como encontrar caminho para estas vivências? Este setênio acontece sobre a égide do sentir: desenvolvimento do sistema rítmico e dinâmica sentir, ou seja, sentir/sentir. A arte tem um papel importante na estruturação, modulação, refinamento, ampliação, enriquecimento e conhecimento deste universo sentir. A interioridade afetiva precisa ser preenchida, alimentada, povoada e nada como as imagens poéticas da arte para este universo. A vivência da passagem do rubicão é um dos momentos mais dramáticos do desenvolvimento, a meu ver. Significa encontro das correntes do passado e do futuro, nervo e sangue, no centro do sistema rítmico, entre coração e pulmão. É abertura de espaço na interioridade onde podemos portar grandes sentimentos, difíceis e agradáveis, sem sucumbir ou transbordar. É espaço fonte para todas as vivências, lugar e morada do eu, no coração, onde posso construir minha vivenda e enfrentar tempestades. É também acesso ao absoluto em nos. Precisamos deste espaço a vida toda, é oásis em tempos desérticos. Aqui, no segundo setênio, é plantada semente que será cultivada por toda a vida e haverá várias florações.

O trabalho artístico é fértil quando observamos dificuldades neste âmbito. Minha experiência também é satisfatória para as queixas que aparecem relacionadas a este período. O resultado com crianças vivendo o rubicão é fantástica, parece mágica. Crianças com queixas de grande medo, dificuldade de separar da mãe, dificuldades relativas ao sono, ao estar sozinha, sentimento de ansiedade e angústia, vazio. A verbalização das queixas são incríveis: uma criança relatou que sentia um espaço entre as costelas. Um espaço incômodo para ela e para a família atônita. O percurso artístico, com pintura, histórias, a possibilidade do contato com o belo, o respirar profundo e harmônico entre o dentro e o fora, traz alívio e restabelecimento. Já a construção com os adultos sinto que é mais dura, não tem a mágica do resultado tão imediato da infância, onde existe uma receptividade aberta. Aqui trabalhamos em terra fértil bem no momento da sementeira. No adulto a construção acontece em terra batida, compactada, de difícil penetração. Endurecida por dinâmicas e padrões a muito estabelecidos e limitantes. O processo ao longo do tempo pode atuar deixando a terra mais maleável, propícia e fértil a germinações transformadoras. A palavra, também, pode ser poética neste caso, a metáfora é palavra artística. O céu e a terra coexistem na analogia. Estamos, nesta fase, no âmbito do intervalo astral/etérico, onde a atividade artística atua, principalmente a pintura. O mundo é Belo.

Continuando a trajetória biográfica chegamos ao terceiro setênio, outra fase dramática do desenvolvimento, onde importantes mudanças e amadurecimentos ocorrem no âmbito metabólico, com forte colorido anímico e relacional. Aqui tem lugar alterações biológicas e uma crise adaptativa. O jovem está entre as questões passadas da infância e as questões futuras da vida adulta, que se apresentam acompanhadas de esperança e, também, de angústia. Experimenta intensa ambiguidade, esta entre o céu e a terra. Anseia encontrar independência mas experimenta pânico em alcançá-la e, também, em não alcançá-la. É visitado por questões filosóficas fundamentais. Vive afetado pelos mistérios da vida e da morte. A experiência do adolescente está dentro do eterno, no registro do infinito. O meio precisa ofertar sustentação para a vivência do ser e tempo para atravessar a complexidade da crise e amadurecer o que antecede o devir.

Um Setênio envolvido com a experiência da Verdade, sob a dinâmica da relação Eu/Astral. Como mediamos a relação do jovem com o mundo e seus heróis? Que oportunidade de experiência oferecemos que possam gerar idéias fecundas? Como exercer o papel de autoridade educadora? Costumo chamar o exercício de autoridade, nesta fase, de participativa e colaborativa, diferente da autoridade amada do 2o setênio. Aqui cabe a negociação, a argumentação como exercício da verdade e do ajuizamento. A veracidade do eu do educador modela e influencia. Se ocorre ao jovem a possibilidade de postar sua questão, significando seus gestos, suas palavras e tudo que utiliza para compor seu universo particular, ele pode se colocar no caminho do porvir - 1o Nó Lunar. Entre os 14 e 21 anos ocorre a ancoragem do Eu no sistema nervoso autônomo. Segundo Steiner, o Eu age como impulso formativo, em toda a organização do ser humano, a partir do plexo solar. Importante momento na formação da identidade, inclusive biológica, etapa fundante do processo de diferenciação, essencial ao desenvolvimento pós 21 anos, centrado na auto-educação.

Neste ponto, podemos pensar no trabalho terapêutico, para as questões do desenvolvimento relativas a esta fase, focado na troca de idéias, na argumentação, no estímulo à reflexão e ampliação de visão. O cultivo de narrativas a respeito de valores e significados que possam alimentar perguntas e sustentar as inquietações do jovem. A atividade de jogos, esportes, bailes, teatro, música como uma maneira de brincar mas já no registro adolescente, como possibilidade de encontrar para si superação e ensaio para a inserção social.

O solo bem preparado nestas três fases primárias do desenvolvimento marca a aquisição de competências e recursos internos e abre possibilidades para respostas resilientes aos dilemas e desafios da vida. Segundo Borys Cyrulnik (2004), a biologia genética, molecular e comportamental é modelada pelas características e pressões do meio, o que caracteriza uma biologia marcada pelas relações que cercam a criança e tutoram seu desenvolvimento, ou seja, uma biologia acentuada pela sensorialidade, construída pelos gestos e narrativas dos pais e das pessoas que a cercam.

Cyrulnik salienta, também, que em torno da criança, do jovem e do adulto ferido pode-se criar lugares de afeto, de palavras e de atividades, proporcionadas de alguma maneira pela sociedade, em que se oferece tutores de resiliência que permitirão a retomada do desenvolvimento. Estes são espaços de ações conjuntas, de processos geradores, de compreensão compartilhada que promovem sentido de reconhecimento e pertencimento, podendo, assim, produzir transformação na história narrada.

Acredito e almejo que no contexto terapêutico, no espaço do encontro, eu possa ofertar lugar de "tutora de resiliência" e dar morada à resignificação de histórias. Construímos o mundo e a nós mesmos de maneira relacional, através do encontro e da linguagem, criando histórias.

Neste ponto gostaria de realçar atenção ao aspecto relacional da existência, a partir do qual construímos tudo: a nos mesmos, o mundo o outro. Sempre trocando através da linguagem. Existem vários tipos de linguagem, vários estilos literários. Podemos focar determinados pontos e perder outros. Podemos tropeçar em algumas palavras e permanecer anos neste lugar. Mas podemos, também, alcançar perspectivas ainda não capturadas. Ampliar nossas narrativas e encontrar significados inusitados e geradores de vida. Neste âmbito pode-se abordar, de maneira terapêutica, o indivíduo, a família, o grupo e a comunidade. Como venho construindo meus

vínculos, minhas alianças, minhas fronteiras? Como eu me comunico com elas? Que histórias venho construindo, relacionando, trocando, conversando? Histórias estéticas?
A modernidade foi povoada pela força do indivíduo, na contemporaneidade pós-moderna a ênfase está no encontro, no entre, no nos.

"O ser humano antes de ser um é ser com o outro. Está experiência empática sustentadora possibilita o Eu Sou." Gilberto Safra

Nota

As práticas do "cuidado de si" existem desde a Antiguidade, na ética de Foucault estas práticas dão forma à maneira como os indivíduos estabelecem para si mesmos seus modos de vida, culminando em uma "estética da existência" em que o homem, voltando-se para si reflexivamente, alcança momentos de liberdade e dá a si mesmo regras de existência distintas de padrões e normas ditadas pelas relações sociais, esculpindo, assim como obra de arte, sua vida e subjetividade.

Bibliografia

CYRULNIK, B. *Os Patinhos Feios*. Martins Fontes, SP, 2004.

SAFRA, G. *A Po-Ética da Clínica Contemporânea*. Idéias e Letras, SP, 2004.